em destaque

BOLETIM CULTURAL Nº 9. DEZEMBRO 1995

Gralha

notícias

CALENDÁRIO 1996

. Com toda segurança esta campanha vai ser ouvida. Ideada e efectivizada polo Grupo Meendinho ,tem como principal reclamo um grande atractivo visual usando umha fotografia de Franco em posiçom autoritária e dictatorial.

Nom se pode permanecer passivo perante tamanha ofensa visual. O texto segue a linha da fotografia pois introduz e réforça dous conceitos: IMPOSIÇOM e PERSEGUIÇOM. Palavras fortes que as gentes de Meendinho unem e relacionam com a problemática normativa e linguística do Galego-Português na Galiza.

Apresentada em suporte de Calendário do ano 1996 e em autocolantes, conseguirá que muita gente reaja e pergunte o porquê da fotografia e do texto: "eu também imporia a normativa da Junta e perseguiria o reintegracionismo". Existe perseguiçom?. Existe imposiçom? perguntarám-se os nom informados. Umha campanha forte e que com certeza traerá comentários viscerais a favor e em contra, mas isso é o que se pretende.

Nom poderá ser umha campanha indiferente à sociedade galega. Todo o mundo reparará nela polo seu poder visual ofensivo.

O calendário incorpora a denominaçom histórica dos dias da semana em galego, com o seu ordem correcto.

· Enviamo-lo gratuitamente a quem o solicitar.

3ª EDIÇOM DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Foi polo ano 1992, em Abril, quando viu à luz a primeira ediçom da História da Língua em Banda Desenhada.

Originalidade e rigor científico no tratamento da história do nosso idioma fizérom que as pessoas já formadas neste tema a apreciassem grandemente. Também a novidade da ideia, o seu carácter sintético e qualidade dos desenhos, fizérom que muitos moços e moças pudessem achegar-se pola primeira vez a um tema tam importante, mas às vezes deturpado. Quiçá diga tudo se falo de que muitos de nós estamos onde estamos graças a esta publicaçom.

A necessidade real dumha obra deste calibre obrigárom a umha segunda ediçom tam só dous meses depois. Saírom ao mercado mais 2.000 números completando, junto com a primeira ediçom, um total de 5.000 exemplares vendidos no decurso destes três anos.

É usada como método de ensino em muitos liceus da Galiza e constitue já um valioso elemento para o correcto conhecimento e compreensom da realidade cultural e linguística do nosso país, o seu passado e o seu necessário futuro.

Nesta ediçom serám completados dados que, junto com outras pequenas mudanças, farám que a terceira ediçom seja já um elemento imprescindível para toda pessoa preocupada polo galego e a dinamizaçom cultural deste país, independentemente da sua formaçom intelectual. Demonstra-se que com vontade e trabalho se realizam projectos.

Nestas datas em que estades a receber a Gralha nas vossas moradas, já devia ter saído a terceira ediçom, e até tudo estava quase pronto. Produziu-se umha pequena demora ao estarmos os diversos grupos reintegracionistas num processo de uniom baixo um nome que exprima a coordenaçom que deve haver entre nós. A História da Língua em Banda Desenhada vai intervir dalgumha maneira neste processo, já que os grupos se querem implicar dum jeito mais profundo do que apenas distribuidores na sua zona. De todos os jeitos, informamos-vos que a História da Língua em Banda Desenhada estará de novo ao vosso dispor a meados de Janeiro, e desta vez serám mais 3.000 exemplares a contribuir a difusom da realidade linguística no decorrer do tempo.

Gralha nº9 nasce

... EM GALEGO-PORTUGUÊS

Enquanto a bola passa de uns para outros sobre se Windows em espanhol ou castrapo, em Gralha pensamos na importância de a Galiza tirar partido da universalidade da sua língua, rompendo de vez a fronteira imposta. Neste sentido e a um preço interessante (vid. boletim de encomendas) oferecemos aos nossos leitores e leitoras por fim a versom original em galego-português do Windows 95. Sigam os Institutos Ramons Pinheiros, RAGs, ILGs,etc., com os seus milhares de milhons a comprar vontades e premiar vendidos, que sempre haverá gente que desde a modéstia e o orgulho do trabalho bem feito portarám em frente a bandeira da unidade da língua. Num mundo cada vez mais globalizado o que nom saiba encaixar nom tem qualquer hipótese. Por sorte a Galiza tem umha língua universal (quinta do globo em falantes), embora para alguns seja umha variante regional satelizada.

Na tua encomenda especifica se já tens outra versom anterior de Windows no teu computador ou vas instalar o sistema windows por primeira vez. Quem quiger galeguizar o seu software já pode fazê-lo.

editorial

Há meses atrás o semanário 'A NOSSA TERRA' fazia umha sondagem entre os seus leitores sobre o que pensavam da linha editorial do mesmo. De 470 cartas recebidas, aproximadamente 350 iam escritas em galego-português, o que significa que tam só 120 em galego-espanhol. No mês passado, e no sector da Administraçom Pública da CIG de Vigo, reclamava-se o ensino do português na Galiza, enquanto polas mesmas datas na Assembleia Comarcal do BNG viguês era apresentada umha proposta, por fim em galego correcto, onde se reclamava o reconhecimento dentro desta frente política da realidade unitária da língua galego-portuguesa. No entanto, o caminho a andar é longo, pois a teimosia de alguns, quer por ignorância quer por má fé, quer por declararem-se confessionalmente castrapistas, fai com que ainda se produzam casos, e nom poucos, de discriminaçom linguística. Paradigma disto é a atitude do Governo Regional galego, que nega sistematicamente os subsídios a todos aqueles que nom passem polo espanhol ou castrapo nas suas publicaçons.

Polo que à nossa língua di respeito, nom está a situaçom para deitarmos foguetes, mas os que acreditamos numha ideia devemos saber avaliar os acontecimentos e agirmos com inteligência e optimismo. Unicamente o que acredita em algo é capaz de levá-lo a efeito.

Vai-se o 95, vêm as férias de Natal, lembremos o léxico galego publicado no nosso nº4. Da Gralha a todas as boas gentes Felizes Festas e votos de umha boa entrada no 96.

MAGUSTOS

Celebrárom-se os tradicionais magustos reintegracionistas nas associaçons de Ordes e Ourense. Se os primeiros optárom por fazer o seu magusto popular o dia 28 de Novembro na rua Campeiras de Ordes, em Ourense a A.C. Auriense, A.M.I., Gente da Barreira, Meendinho e Meigas, escalárom o Montalegre para ali desfrutarem em harmónico convívio das castanhas e o vinho novo.

AGAL

A Associaçom Galega da Língua organiza em Dezembro, entre os dias 15 e 22, terá lugar em Ourense um **Seminário sobre Onomástica e Toponímia Galega**. Constará, durante dous dias, de conferências, mesas-redondas e colóquio.

Em Janeiro de 1996 celebrara-se o **"Simpósio Jesus Ferro Couselo"** escritor a quem se lhe dedicará o denominado "Dia das Letras". Os interessados em participar ou enviar comunicaçons que contactem no Apartado 453 de Ourense.

R.A.G.

Depois de meses de ter saído à rua o Dicionário de Estraviz, com mais de 87.000 entradas, a Real Academia Galega ameaça com o seu maravilhoso superdicionário de castrapo, de 30.000 termos (o castrapo cresce que nem com levedura). Como muito bem diz a sabedoria popular galega: O burro quando nom tem que fazer mata as moscas com o rabo.

PONTE VEDRA

Atençom a todos os leitores desta cidade e comarca, pois produto do apartado EM REDE que encetávamos no número anterior, e a solicitude de vários leitores muito interessados, proximamente serám convocados a umha reuniom para impulsionar a presença da reivindicaçom linguística na Ponte Vedra.

LÁZARO CARRETER

Na Faculdade de Filologia compostelana tivo lugar em Outubro um acto no que o Presidente da Real Academia da Língua Espanhola, Fernando Lázaro Carreter, estava convidado a disertar sobre Valle-Inclán. O sujeito tinha escrito meses atrás ao Rei de Espanha e ao Primeiro Ministro deste país, Felipe González, umha carta na que se manifestava preocupadíssimo pola «perigosa» situaçom do espanhol nas «Comunidades» com outra língua, instando-os a tomarem medidas. Membros dos CAF acudírom ao acto com um cartaz no que se podia ler: SOMOS UM POVO, TEMOS UMHA LÍNGUA: O GALEGO. O Sr. Lázaro negou-se redondamente a ministrar a sua conferência, argumentando razons de saúde. Parece milagroso, dada a situaçom da nossa língua no país, que toda a oposiçom às manifestaçons da citada carta se limitasse a um cartaz, sendo a presença dos membros dos CAF em todo o momento correcta, como foi aliás salientado em todos os meios. O Dr. Lázaro deveria saber que a língua própria da Galiza é o galego. O respeito pola diferença do que adolecem diferentes membros da cultura espanhola tratando de impor a ferro e fogo ao resto das naçons do Estado a sua língua, nom é mais que umha forma de imperialismo. Estes mesmos indivíduos sobem polas paredes cada vez que lhes falam da anglicanizaçom de Puerto Rico ou Gibraltar. Sr. Lázaro, há vinte anos que morreu o último paladim da uniformizaçom cultural, os milagres já nom existem. Levanta-te e anda.

Mudar o teu nome para galego deixou de ser "em teoria" um problema burocrático e constitue hoje em dia um problema de vontade pessoal. Os patronímicos ou apelidos nom dependem só da tua vontade, também dependen da maquinária burocrática espanhola. Na Gralha por decissom do Conselho de Redacçom, fôrom normalizados e galeguizados apelidos e nomes dos assinantes, sempre respeitando as vontades dos particulares. Assim José, Martinho, Joam, e Luzia, Catarina, Inês, e Angela recebem a Gralha com os seus nomes correctos.

galeguizar os apelidos

Que os Outeiros deixem de ser Oteros, que os Fernández passem a Fernandes, os Carballos a Carvalhos, os Seijas a Seixas, pode ser possível. Aqui descrevemos os passos a seguir para galeguizar os teus apelidos. Este processo basease no artigo 206 produto da última reforma do regulamento do Registo Civil (Real Decreto 1917/86), com esta reforma autoriza-se a possibilidade de mudar o apelido para adaptá-lo gráfica e foneticamente às diferentes línguas do estado. Primeiramente será necessário que aportes documentaçom e papeis assinados com o teu verdadeiro apelido, recibos de clubes, facturas, carta de conduçom, documentos de caracter oficial, solicitudes à administraçom. Com todos estes documentos e um certificado de nascimento tes de ir ao Registo Civil, acompanhado de duas testemunhas que digam que efectivamente tu es Carvalho ou Outeiro como realmente demostras nos documentos que apresentas. Por si nom fosse pouco o mareio tes ainda que superar as últimas probas, som as mais difíceis, conseguir um informe dalgumha autoridade académica (logicamente reintegracionista) que certifique que a forma por ti solicitada é a correcta em galego. Já tes todo, pois agora preenche um impresso de solicitude de câmbio de nome e confia em que o funcionário de turno nom se entere da problemática linguística deste país, cousa normal. Podes comprovar que o estado garante o teu direito a mudar o apelido acastrapado, e que todo som facilidades para fazê-lo. Se o consegues luzirás orgulhoso o teu bilhete de identidade em Galego.

encontros na universidade

Organizado pola Universidade de Vigo o interessantíssimo ciclo de conferências Encontros na Universidade, que tratou o tema da situaçom linguística tanto no País Basco como nos Países Cataláns. Por parte catalana Sebastià Serrano da Universidade de Barcelona e Vicent Pitarch de Castelló expugérom qual o caminho percorrido polas suas comunidades linguísticas até aos nossos dias, fazendo umha pormenorizada referência da situaçom actual, no Principado de Catalunha sendo o processo de normalizaçom linguística, apesar de nom todo o positivo que seria de desejar, muito superior ao levado a termo no País Valenciano e nas Ilhas Baleares. Aos problemas habituais concorre neste caso o facto de a comunidade nacional catalana estar dividida designadamente em três entidades políticas autónomas, e com governos em duas delas, de nom oculto cariz espanholista, assimilador portanto, no caso valenciano reflectido na opçom linguística do denominado blaverismo, equivalente ao castrapismo galego. A diferença fundamental com o nosso caso é que os blaveros, dous ou três em palavras de Vicent Pitarch, agrupados à volta do PP e UV (Unió Valenciana), nom têm nengumha possibilidade de prosperar, tendo a totalidade da Universidade contra, a que de sempre reconheceu a realidade incontestável da unidade da língua, enquanto na Galiza todos sabemos o que acontece, um país periferia da periferia, em palavras do Dr. Pitarch afastado das correntes culturais centro-europeias e fortemente ruralizado, se encontram incrivelmente instalados em certos sectores da própria Universidade os mais fanáticos castrapistas.

Por parte basca, Koldo Izagirre, escritor e director de cinema, expujo o claro compromisso da sociedade basca com a recuperaçom da consciência nacional, tendo assistido em dias anteriores a este ciclo de conferências mais de 100.000 pessoas a um encontro em Tudela (cidade situada em zona navarra totalmente colonizada) em apoio da solicitude de diversos colectivos desta cidade para a implantaçom de umha ikastola (escola basca) na mesma. A comunidade bascófona encontra-se disgregada, como a catalana, em três zonas, Iparralde, no Estado francês, e a Comunidade Autónoma Basca e Nafarroa no espanhol. No seu depoimento fizo fincapé no que deve ser considerada literatura basca, nom entrando nesta denominaçom a literatura espanhola feita por bascos.

José Luis Álvarez Enparantza «Txillardegi», também basco, ganhou ao auditório com a sua muito pedagógica e interessante exposiçom, versando esta sobre os condicionalismos de todo tipo que se devem ter em conta à hora da elaboraçom de um estándar linguístico. Inúmeros exemplos expujo, assimilando na sua opiniom o caso do galego-português ao do flamengo-neerlandês, ou ao do albanês do Kosovo. Os vossos problemas, afirmou, nom som problemas particulares, senom gerais em todo o mundo, e devem ser os galegos os que resolvam o seu conflito. Ilustrou o seu depoimento fazendo mençom dos exemplos da Finlândia e da Turquia, assim como da Macedónia e da Bulgária, Estados estes dous últimos nos que umha mesma língua possui dous estándares diferentes. Afirmou igualmente umha realidade objectiva em todo o mundo, que nom som praticamente nunca os falantes nativos, amiúde em zonas rurais, aqueles empenhados na recuperaçom e normalizaçom da sua língua, senom falantes, quase sempre urbanos, recuperados ou que têm adquirido posteriormente a língua nacional.

Calendário do ano 1996

Circo normativo

Neste apartado sempre falamos de trapezistas, palhaços, domadores do impossível e equilibristas da normativa. Hoje apresentamos lançadores de cuitelos com os olhos vendados e umha mao atada . É "ainda mais difícil".

O primeiro caso é o da recém criada Cátedra de Estudos Galegos na Universidade de Lisboa. Seguem a espalhar o seu castrapo polo mundo: Barcelona, Londres... e agora Lisboa. Que pretendem com a criaçom na Universidade de Lisboa desta Cátedra?. Se for a necessária compreensom e conhecimento de dous povos com a mesma língua, mas historicamente vivendo de costas viradas, nom estaríamos acá a criticá-los. No entanto, muito suspeitamos que colocarám algum do ILG ou dos muitos premiados, tradutores ... . Sua entrada em funcionamento será a principio de 96 e a inauguraçom coincidirá com um seminário de linguística a cargo de lançador de cuitelos Ramom Lourenço. Em resumo, como explicar o inexplicável, como falar das diferenças e calar as semelhanças, ou como introduzir o "ñ" em Lisboa.

Relacionado com Portugal está também o segundo número desta sessom circense, a "Asociación Galega de Editores" com a lucidez que caracteriza a este país de cegueiras voluntárias consideram, depois de deliberar, que se deveria ministrar o português nas aulas galegas. Até aqui todos concordamos mas... em qualidade de segunda língua extrangeira, dim eles!. Nom aprendem nem de Castelao, quando naquel quadrinho famoso o velho era perguntado pola abafante lógica infantil: "E logo os da banda de alá som mais extrangeiros que os de Madrid?". Pois estes editores, com o Bieito Ledo como comandante da nau, decidem que si, que os da banda de alá do Minho som mais extrangeiros que os de Madrid e até mais que os dos Estados Unidos de América, visto que o inglês seria a primeira língua extrangeira e o português a segunda. Senhor Bieito Ledo, entra você ná nómina do Circo Normativo por mérito próprio.

lexico-grafando

DIAS DA SEMANA E MESES DO ANO

O mês, que se corresponde na sua duraçom com o fenómeno das lunaçons, era já dividido na Antiguidade em períodos de sete dias (semanas) polos Egipcíacos, Assírios, Caldeus e Judeus e, ainda que os Gregos estabeleciam fracçons mensais de dez dias, os Romanos acabárom por adoptar o sistema de divisom semanal. Como na semana judaica (expolicada no episódio bíblico da Criaçom), a devoçom popular consagrou também entre os Romanos cada um dos dias a umha divindade. O primeiro dia foi dedicado ao Sol (lembre-se o Sunday inglês ou o Sonntag alemám), o segundo à Lua (em castelhano Lunes, inglês Monday ou alemám Montag), o terceiro a Marte (Martes em castelhano, em catalám Dimarts), o quarto a Mercúrio (castelhano Miércoles, catalám Dimercres), o quinto a Júpiter (Jueves castelhano, Dijous catalám), o sexto a Venus (Viernes castelhano, Divendres catalám) e o sétimo a Saturno (Saturday no inglês).

Com posterioridade, o <Cristianismo instaurou, à semelhança do sétimo dia da semana hebraica, o sabbath ou sábado, um dia de cessaçom do trabalho dedicado ao Senhor, o Domingo (do latim dominus > senhor), que nas línguas novilatinas pasou a substituir o primitivo dia do Sol, o primeiro da semana.

Umha evoluçom posterior no sistema dos ias da semana aconteceu no domínio lingüístico galego-português. Um dos primeiros evangelizadores da Galiza, Sam Marinho Dumiense, mudou os nomes tradicionais dos dias mediais da semana, de origem pagá, para outros em que constava a ordem de sucessom a respeito do Domingo (1° dia) e o termo feira, designativo de dia assim surgiu a actual semana galego-portuguesa, cujos dias nom conservárom o sabor pagao presente noutras línguas:

1°dia: Domingo, 2° dia: Segunda-feira, 3° dia: Terça-feira, 4° dia: Quarta-feira, 5° dia: Quinta-feira, 6° dia: Sexta-feira, 7° dia: Sábado

Este sistema de denominaçons galego-português foi, como todos aqueles traços que interferiam seriamente com o castelhano, praticamente eliminado dos falares da Galiza espanhola, mas ainda sobrevive, embora incompleto, na boca de alguns galegos de idade avançada. Neste sistema, que devemos tentar recuperar, o primeiro dia da semana é o Domingo e o derradeiro, o Sábado, como também acontece no inglês. No alemám, contrariamente, é a nossa Segunda-feira o primeiro dia da semana, e o domingo é o derradeiro. Em castelhano acontece que a enunciaçom dos dias começa pola Segunda-feira (Lunes) e termina no Domingo, mas, na realidade, é o Domingo o primeiro dia da semana (veja-se senom a definiçom de Domingo que dás um dicionário desa língua!).

Quanto aos nomes dos meses do ano, diga-se que concorre um sistema de denominaçons comuns, que se pode usar em todas as ocasions, especialmente no discrso formal, e provém em geral das antigas denominaçons romanas (Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro) e um sistema de nomes populares, por vezes de inspiraçom agrária/rural, que nom deve ser utilizado mais que em contextos determinados (poesia, linguagem coloquial). Eis algumhas denominaçons populares.

(mês de) Marçal, (mês de) Sam Joám, (mês de) Santiago, (mês de) Outono, (mês de) Santos, Natal (nom é mês).

Lembra que o dia dos Santos Inocentes, 28-D, é próprio da cultura espanhola. Os galegos devemos celebrar o popular DIA DOS ENGANOS no um de abril, pois como di o refram « O primeiro de abril vam os burros onde nom devem de ir». Mais um motivo, o povo português celebra-o também o primeiro dia de abril.

TAXA PAGA. Neste Natal receberás publicidade em espanhol na tua casa. Muita trai um cartom de resposta que podes enviar gratuitamente, pois é pago polo anunciante. Devolve-lho com as tuas sugestons para que faga a publicidade em galego

Gralha

crianças já aprenden português

Professoras dependentes do Ministério Português da Cultura levam anos dando aulas de língua e cultura portuguesas na Galiza, focadas para filhos de emigrantes. Verifica-se que meninos galegos assistem voluntariamente às aulas destas professoras.

Quigemos entrevistar a Cecilia Ferreira professora no colegio de EGB de Marinhamansa (Ourense), umha das duas docentes desta especialidade na cidade.

Alunos galegos aprendem muito bem e rápido a ortografia.

Gralha- Que tipo de alunado tens nas tuas aulas?

Cecília- Em geral é alunado de nacionalidade portuguesa, descendentes de portugueses mas que já nasceram na Galiza. Tenho em total 95 alunos, dos quais um 50% são alunos do internato, os outros 40% são de etnia cigana e tenho 15 alunos de origem galega.

G- A esses alunos galegos, perguntastelhes qual é a causa de se terem inscrito nas aulas de língua e cultura portuguesas?. É por influência dos pais?

C- Em todos os lugares onde é ministrada a língua e cultura portuguesas esta aparece nos centros como mais umha língua da Comunidade que está em oferta. Não perguntei quais são as motivações que levam os pais a declarar que querem que os filhos aprendam português mas, das duas uma: ou é que eles próprios têm influência da cultura portuguesa ou é que acham importante que os filhos aprendam português como língua extrangeira.

G- Qual é a língua empregada nas tuas aulas?

C- A língua que eu utilizo nas minhas aulas é o português, sempre. Para os alunos, a norma que eu estabeleci para se comunicarem comigo é a seguinte: na aula de português falam ou em português com a fonética portuguesa porque esta é a língua falada em casa, ou no caso dos outros alunos que falam como língua natural uma mistura de castelhano e de galego o que eu lhes peço é que eles façam um esforço para, nas minhas aulas utilizarem como meio de comunicação o galego. A norma é esta: os portugueses que o sabem falam português e o resto, independentemente de qual é a sua língua natural, aquilo que eu peço é que eles utilizarem o galego, como mais aproximado ao português. Uma coisa são as línguas oficiais, de estado e outra são as línguas naturais.

G- O alunado aprende também a escrita?, as aulas incluem também exercicios escritos?.

C- Sim, eles têm também exercícios escritos mas sem impor, porque seria muito injusto para crianças de dez, doze, treze anos, obrigá-las a fazer distinções muito profundas entre ortografias. Eu procuro que eles aprendam mas sem lhes exigir demasiado porque vejo que este caso da Galiza é uma situação especial. É muito diferente dar aulas em Leão ou nas Astúrias, como eu já dei. Alá aparecem dois idiomas diferentes pois, ainda que haja semelhanças entre o português e o castelhano, nunca vão ser tantas como com o galego. Ao ter o galego mais semelhanças e facilidades com o português, eu tenho de ser ainda muito mais subtil para tratar de não violentar essa língua natural que os alunos me apresentam.

G- Os alunos galegos tentam aprender a fonética portuguesa ou não?

C- Eu observo que os alunos galegos aprendem muito bem a ortografia, aliás muito rápido, mas eles têm sempre a fonética galega, abrem muito mais as vogais. E direi-vos mais, entre os alunos de origem portuguesa há uns poucos dos que falam português que aplicam sempre na escrita a ortografia castelhana, eles não conseguem aprender a norma. No entanto, os alunos galegos, apesar de não fazer distinções fonéticas entre sons surdos e sonoros, palatais por exemplo, são perfeitamente capazes de escrever com aceitável correcção em português.

G- Que opinião tens sobre o conflito linguístico que existe hoje na Galiza entre o espanhol e o galego- português?

Eu tenho conhecimento desse conflito mas não tenho nenhuma opinião. Acho bem que na Galiza exista um conflito linguístico porque um conflito linguístico é um conflito de luxo... Sim, quiçá vos surpreenda esta afirmação mas há outros conflitos interculturais muito mais graves, são os conflitos religiosos, étnicos... . Quando tu falas numa sociedade multicultural que chega a extremos do que passou na antiga Jugoslávia, isso é horrível!. Ainda bem que nós, sendo os pobres de Occidente, somos pobres civilizados e os nossos conflitos são intelectuais, conflitos de normas ortográficas por exemplo.

G- Mas não achas que, se não nos posicionarmos, o espanhol se vai impor totalmente na Galiza?

C- Só a história é que diz isso e eu como portuguesa acho que não devo interferir.

G- Fala-nos então um pouco mais da maneira como funciona a aprendizagem nas tuas aulas.

C- Bom, eu tenho desde alunos de educação infantil (quatro anos) até aos quinze anos, claro que em diferentes turmas. A mecânica é a seguinte: do horário normal dos alunos, eu tiro-os duas horas para português, uma hora tiro-os da aula de galego e outra da aula de ciências sociais. A aprendizagem funciona assim: eu dou o mesmo que o seu professor está a dar, só que o dou em português.

G- Fala um pouco da presença e relevância do português no mundo, em instituiçons europeias (ONU, CEE) e africanas.

C- Eu acho que o português é uma língua de comunicação e também de cultura mas, muito ligada ao mundo do trabalho. Há emigrantes portugueses por toda parte e eles falam o idioma do país de acolhida mas em casa continuam a falar o seu português. Para isso foi criado por parte do estado português o programa no que eu participo, com o fim de que os filhos desses emigrantes não esqueçam a sua língua e cultura de origem. A nossa é uma língua muito falada no mundo, em muitos países e comunidades, mas não a vejo ligada ao poder económico, como pode ser o inglês no campo da informática, o francês e italiano na moda, etc.

de autor

Por Pedro Fernández-Velho

A UTOPIA NACIONAL-FEDERATIVA

A concepçom insular do homem já nom serve para pensar as novas realidades . Precisamos de umha reflexom ecologizada. O homem deve ser libertado no seu próprio hábitat em todas as suas dimensons.

Desta óptica assistimos na Galiza a umha destruiçom acelerada de usos e percepçons milenárias. A adesom a UE precipita a degradaçom, entre outros, do ecosistema rural galego num momento em que a amnésia histórica e a desmovilizaçom cívica entravam a rearticulaçom do ecosistema social. Aliás, esta desvantagem nom fica compensada, no nosso caso, por umha aceleraçom do crescimento económico. Mais bem acontece o contrário: como naçom periférica e carenciada só poderá atrair actividades em decadência, nom inovadoras.

Entretanto as políticas pós-industriais das instituiçons europeias continuam a progredir, como deriva fundamental, na imposiçom do processo de homogeneizaçom cultural e cívica (efectivada anteriormente com diferente grau de eficácia polos estados-naçom no interior dos próprios territórios), consoante as exigências do capital financeiro, da eficiência tecno-económica e da divisom do trabalho no novo espaço supraestatal.

Destarte a qualidade de vida, a participaçom política e o controlo do destino histórico ficam decisivamente ameaçados mesmo para aqueles povos que atingírom um alto nivel de desenvolvimento. Os casos de Noruega e Dinamarca ilustram bem esta afirmaçom. Se a isto acrescentamos o ceptismo cada vez mais generalizado em amplos sectores da populaçom europeia, ousamos tirar algumhas conclusons:

O nacionalismo civil dos estados-naçom ocidentais foi decisivamente um instrumento e umha máscara das elites políticas e económicas das comunidades dominantes para efectivarem um colonialismo interior através da assimilaçom e aculturaçom progressivas das elites minoritárias. A identificaçom do estado com a naçom implicava um processo de homogeneizaçom consumado designadamente por umha "língua nacional" escrita num ensino público e unificado.

Os nacionalismos etnocêntricos, sejam defensivos ou agressivos, nom podem constituir resposta adequada à necessidade crescente de diálogo, ósmose e solidariedade entre as diferentes etnias, minorias e culturais.

Na minha opiniom a soluçom e o progresso passa por um nacionalismo policêntrico e federativo que neutralice qualquer tentaçom fratricida e torne possíveis, sobretudo, os valores democráticos de liberdade, igualdade e participaçom. Neste sentido a questom fulcral para a Uniom Europeia é a distribuiçom harmónica do poder económico, político e cultural, de competências e responsabilidades entre as instituiçons locais, microrregionais, nacionais (ou macrorregionais, segundo as denominaçons) e suprarregionais (os estados actuais ou associaçons de estados).

Em qualquer caso, a fonte de toda lei positiva da república federativa europeia será o particularismo moral das naçons e dos povos históricos, que a história de Europa apresenta desde os começos.

palestra pública

Pola A.M.I.
(Assembleia da Mocidade Independentista)

Queremos denunciar a data de gravíssimos factos produzidos recentemente, e atentatórios contra os mínimos direitos que os autodenominados Estados democráticos dizem defender.

Cronologia dos factos:

No 1 de abril de 1995 tem lugar em Compostela umha retençom de militantes da A.M.I. numha manife contra o serviço militar obrigatório.

No Faro de Vigo inicia-se umha campanha contra diversos colectivos juvenis nom institucionalizados, com artigos assinados por F. Justo. Esta campanha de criminalizaçom fora desenhada polo Governador da Corunha e a polícia.

No 14, 15 e 16 de julho de 1995 numha acampada em Moinhos vários membros da A.M.I. som continuamente assediados pola presença de multidom de números das forças de ocupaçom.

No dia 24 de julho é lançado um cóctel-molotov contra um caixa automático de Caixa Galiza na Corunha, facto reivindicado em diversos meios de comunicaçom polo autodenominado Novo Exército Galego.

A raiz deste facto, e a partir do Dia Nacional, a campanha do Faro de Vigo centra-se na A.M.I.

A polícia espanhola tira fotos na recepçom a Antom Árias Curto no 8 de setembro. Também em setembro produz-se a detençom de dous militantes, Armando Ribadulha e Adolfo, sob acusaçom de pertença a bando armado, sendo trasladados a Madrid (Espanha), e aplicando-se-lhes a Lei Antiterrorista, que lhes é retirada ao quarto dia (estivérom três dias incomunicados). Porém continuam presos acusados de estragos. O juiz espanhol Bueren, que se tinha feito cargo do caso, abandona o mesmo.

Após as detençons a campanha de criminalizaçom estende-se, entrando diversos meios, nem só galegos, com acusaçons infundadas. No Faro de Vigo aparece um artigo, cúmulo e paradigma da intoxicaçom informativa, no que se liga A.M.I., A.P.U., Jarrai, E.T.A., E.G.P.G.C, C.I.G., B.N.G., etc., aproveitando umhas acusaçons de David Balsa, com mentiras sobre supostas conexons entre a Galiza e o País Basco. Em conferência de imprensa da A.M.I. em Compostela, no 12 de outubro, é desmascarada toda a montagem.

O juiz encarregado do caso dos militantes detidos exige umha cauçom de um milhom de pesetas por cada um deles para deixá-los em liberdade condicional, sendo a citada verba depositada por Adolfo. Armando continua preso, enquanto diversos militantes da A.M.I. e as JU.G.A. procuram a arrecadaçom do outro milhom para a sua libertaçom. Em meados de novembro Armando sai à rua.

Pequenas mostras da manipulaçom perpetrada pola "professora" Marta Pumares.

polos correios

M. Friám - A.R.O.
(Associaçom Reintegracionista de Ordes)

A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE MEENDINHO. (Versom Isolacionista)

No ano 1.992 Meendinho Ediçons em Ourense publica a "História da Língua em Banda Desenhada". Esta publicaçom seria distribuída e comercializada através de todos os grupos reintegracionistas da Galiza.

...Isto parece que nom lhes ficou claro aos isolacionistas...

No "Curso de Perfeccionamento da Lingua Galega para adultos", organizado pola "Xunta de Galicia" e impartido nos locais da Associaçom Juvenil "Xacarandaina" da Corunha entre os meses de Outubro e Dezembro de 1.994, a professora, Marta Pumares, encarregada do curso, repartiu várias fotocópias com vinhetas e textos tirados da "História da Língua", editada polo grupo reintegracionista Meendinho.

Nas vinhetas reproduzidas, nom se respeitam os textos originais nem se cita em nengum sítio o lugar de procedência. Os textos que acompanham os desenhos aparecem modificados e "traduzidos" ao galego imposto pola Junta da Galiza.

...mas nom é tudo...

A professora Marta Pumares chegou à aula do curso afirmando que era ela a autora dos textos e desenhos que apareciam nas fotocópias... que pouca vergonha e criatividade tenhem estes isolacionistas!!.

Marta Pumares ao longo do curso sempre mostrou umha inquestionável fidelidade à normativa do "I.L.G.", qualquer intento de debate sobre outras alternativas plantejadas polos assistentes ao curso, era cortado de forma imediata.

As poucas referências que fizo ao reintegracionismo fôrom sempre em tom irrelevante e sempre minimizando e desprezando os postulados lusistas.

Segundo as suas palavras, o reintegracionismo é "questom de grupos minoritários...defendem ideias que conduzem à nada..." ...mas esta opiniom nom lhe priva de aproveitar-se descaradamente do trabalho alheio, alterando e fazendo como seu algo impróprio à sua "consciência lingüística".

A História da Língua foi um projecto laborioso e novidoso no nosso país, fizo-se com poucos recursos económicos, mas com muita ilusom e criatividade. Todo o contrário ao que os isolacionistas tendes... senhores difusores dos experimentos lingüísticos do I.L.G. e da Junta da Galiza... só sodes vivedores do "oficialismo".

A vossa teoria, senhorita Marta Pumares e senhores isolacionistas é tam frágil que, se vos deixam desamparados, desaparecedes. Em realidade só sodes "espanholitos light", deturpadores e assassinos da nossa língua e da nossa história.

Gralha BOLETIM CULTURAL
Fevereiro
Maio
Julho
Outubro
9 Dezembro

EDITORES: Grupo Meendinho-Renovaçao
REDACÇOM: Jesus M. C. - Carlos G. - José M. Outeiro - José M. Aldea - Júlio Aser - André Outeiro- Beatriz Arias- Moncho de Fidalgo.
COORDENAÇOM: José M. Aldea
COLABORADORES: Konstantino Graphia
ENCOMENDAS: Júlio Aser Rodrigues.
CORRESPONDÊNCIA: Apartado 678 . 32080 Ourense. Galiza

Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom da Gralha. Depósito Legal OUR-167/95

janela da língua

Por Konstantino Graphia

PRETO HE NON PERTO

Ha cseito de prótico, perámbulo, perfázio hou perludio krompe dicir ka normatiba hofizial perkoniza ho huso da breva "preto" hen bez de "perto", he kos rintejrazionistas ke son huns karvons ke semper handan ha diskerpar de todo, prejuntan pro ké se perfire "preto" koma se rekolle na tardizion heskirta.

Ho ke pasa he kos rintejrazionistas son huns señoritinjos ke desperzian hós hiñorantes ke din Calros hen bez de Carlos, hou pirmeiro hen bez de primeiro, kando heso hé moi rikiño proke soa koma hatarbesado, komapaludro, koma moi noso.

Hasemade ho de torkar "perto" pro "preto" hestá moi ven proke hobirja ha hinnovar he ha tarnsformar brebas koma "aperta" hou "apertura" hen "apreta" he "apretura" he ha hinkorporar ho hespañolismo "apertura" par dicir "abertura".

*Pro hourta prate, ho kamvear hunha lerta de lurga non pretuva ha hintrepertazion hó vo hentendedor. Si se di ke "ha persa presa puxo ha kompersa kon persa", todo ho mundo hentende kalramenteke há persidiaria hirani biulle ha mensturazion he ke tirou acsiña de hestarplana fina ha sejura, he si haljen "hestá de prato" hé ke bai parir ke non ke forma prate do menu do dia dun restaurant de hantorpofajos, he si haljo non hé "parto de justo" hé ke se tarta daljo metaforikamente hintarjabel, mesmo par hun kanival linjuistiko, he non dunha maternidade non desecsada. No kaso de **preto** tanpouko ai posivilidade de tarvukazion he todo ho mundo hentende ko gris hestá **nejro** do **preto** hou ka **perta** pouko **apreta** si moito abraka he ke pro heso hestá **nerja**.*

Nunha breva. Non se perfire "preto" pro prebesidade filolócsika, sinon proke hé hun kastarpismo ke ai ke tartar de konsevrar proke toda preda do kastarpo hé moi garve pór kastarpo (katrapo, krastapo, hou koma se keira dicir, ke tanto ten) he heso non ho podemos premitir hos ke bibimos del, proke ho jalejo hou hé kastarpo hou non hé hespañol.

em rede

Ninguém nos vai fazer calar, ainda que nos falte o dinheiro, ainda que nos desbordem o trabalho e as ideias por fazer. Nós pomos o esforço diário, nós pomos os meios, e a coordenaçom. E tu que pons? Incrementa a luita cultural na tua zona. Combate os brotos de castrapismo. Como?, tu escolhes.

CONTACTOS

Se estás interessado em conhecer gente com a que compartilhar ideias e projectos culturais fai-no-lo saber e poremos-te em contacto com outros interessados da tua zona.

TU SÓ

Fai parte da rede de distribuiçom que agora encetamos. Dispomos de material a distribuir que che ofereceremos a preço de custo. Normaliza a tua zona.

PACOTE DE 100 AUTOCOLANTES "NH" + 10 CARTAZES..............1000pts.

Envia o importe em selos de 12 ou 9 pts.

encomenda de material

Apartado 678. 32080 Ourense. Galiza

Nome e Apelidos ______________________
Endereço ______________________ Tel ________
Localidade ______________________ Cód. Postal ________

	Nº	Importe
WINDOWS 95 EM GALEGO-PORTUGUÊS...................19.000pts.		
AGENDAS 1996: 7,5x10,5cm. capa plastica..................350pts.		
10x15cm. capa dura...............................800pts.		
21x15cm. capa dura...............................1000pts.		
HISTÓRIA DA GALIZA EM BANDA DESENHADA..............500pts.		
BANDEIRAS. Estrela cosida. 1 x 0,80 m....................1500pts.		
CAMISOLA CASTELAO. Reediçom.Gris,algodom, L,XL.....1200pts.		
CAMISOLA ROSALIA. Reediçom. Gris,algodom, L,XL:.....1200pts.		
CAMISOLA CARVALHO CALERO. Gris, L,XL....................1200pts.		
LIVROS:		
DA FALA E DA ESCRITA. Carvalho Calero.1983.............1000pts.		
MÉTODO PRÁTICO DE LÍNGUA G-P. Martinho 1983.......1000pts.		
DICIONÁRIO Esp-Port / Port-Esp. Ed Hymsa, 1016 pag....2000pts.		
DICIONÁRIO Sinónimos. Porto Ed. 1125 pag....................5000pts.		
CURSO DE PORTUGUÊS. Noçoes de Gramática.Asa Ed.1200pts.		
Prontuário Ortográfico Galego. 1985. 315 páginas............2100pts.		
Estudo Crítico das Normas do I.L.G.-R.A.G. 2ªed1989.......2100pts.		
Guia Prático de Verbos Galegos Conjugados.1988.............1200pts.		
O Sereno. Um guerrilheiro em ... .Moncho de Fidalgo..........500pts.		
Seguindo o Caminho do vento. Moncho de Fidalgo..............700pts.		
Luzia, ou o canto das sereias. Moncho de Fidalgo..............700pts.		
Contos da Fada em do maior. Moncho de Fidalgo................500pts.		
Portes de correio +375pts. ou +800 por mensageiros		+375
As encomendas pagam-se contra reembolso, juntando cheque a nome de Meendinho, ou em selos. Incluindo os portes do correio.	Soma Total	

Com a tua compra fortaleces a independência do movimento reintegracionista contribuindo para o seu desenvolvimento à margem das pressons oficiais.

sócio colaborador

Desejo contribuir economicamente com o Boletim Gralha achegando umha quota anual de:
❑3.000 pts ❑5.000 pts ❑________ pts

Nome e Apelidos ______________________
Endereço ______________________ Telf. ________
Localidade ______________________ Cód. Postal ________
Banco ou Caixa ______________________
Sucursal ____________ Localidade ____________
Nº de Conta ______________________
Data ____________ Assinado ____________

A gralha envia-se gratuitamente a quem o solicitar, pede-se no apartado: 678. 32080 Ourense